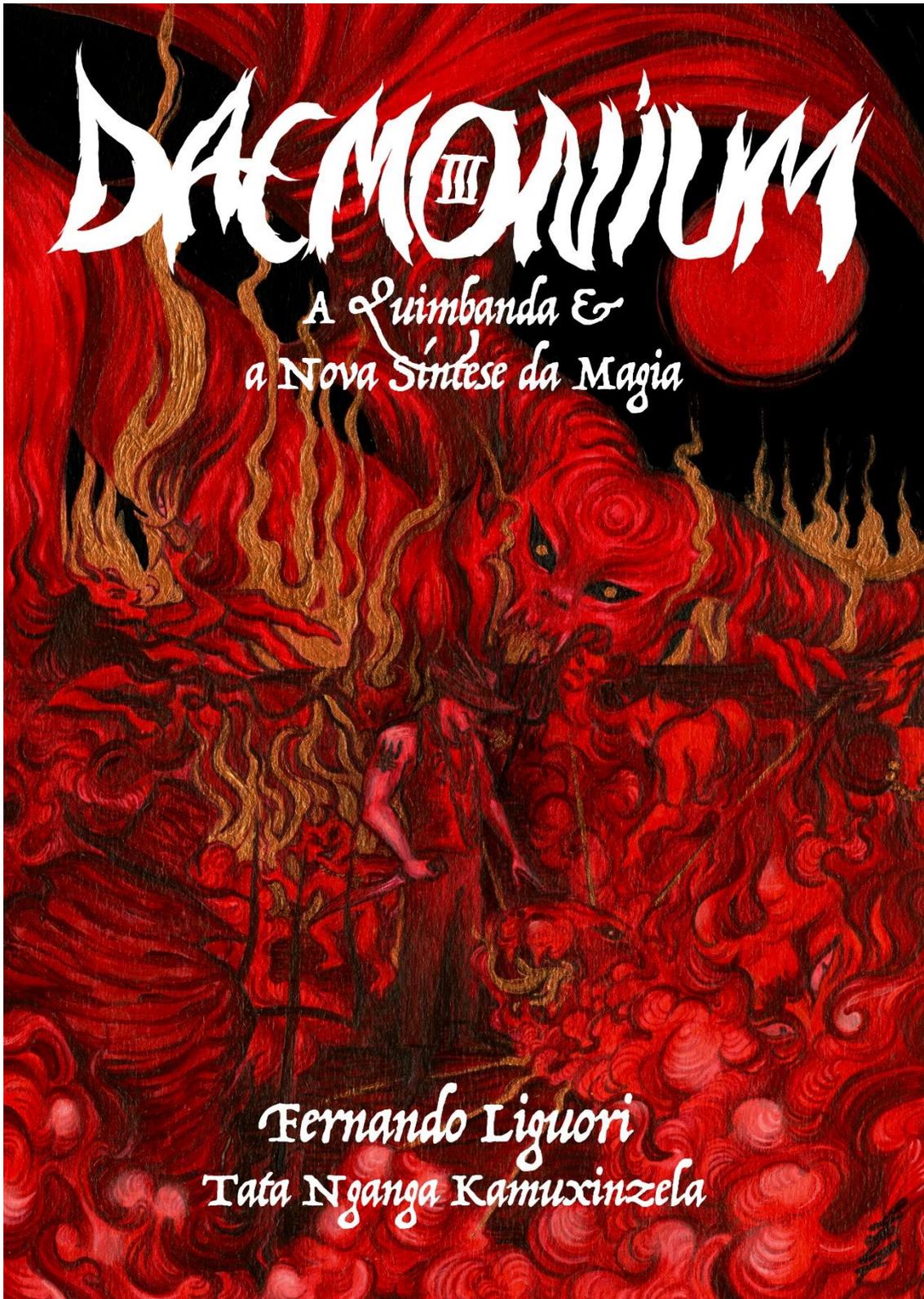


DAEMONIUM

A Quimbanda E
a Nova Síntese da Magia

Fernando Liguori
Tata Nganga Kamuxinzela





TÁTA NGANGA KIMBANDA KAMUXINZELA
FEITIÇARIA TRADICIONAL BRASILEIRA

QUIMBANDA GOÉCIA

DEUSES DO SUBMUNDO,
O SOL NEGRO E A QUIMBANDA

DA SÉRIE: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA¹

INTRODUÇÃO

A religião grega antiga não se limitava aos cultos olímpicos. Havia uma dimensão paralela, voltada ao Submundo, em que Hades, Perséfone e Hécate ocupavam posição central. Estes deuses não eram simplesmente *sombras* dos olímpicos, mas potências estruturais do Cosmos, regulando morte, fertilidade e destino. Como observa Walter Burkert,² o culto a Perséfone nos Mistérios de Elêusis e o temor reverencial a Hades indicam a integração do *subterrâneo na economia divina*. Essa dimensão, muitas vezes ofuscada pela supremacia de Zeus e Apolo, constitui um verdadeiro *panteão noturno* — que, ao lado dos *daimones*, servia de base às práticas da *goêteia*.³

A *goêteia*, termo frequentemente traduzido como *necromancia* ou *magia de encantamentos*, estava ligada a esta teologia subterrânea, noturna. Sarah Iles Johnston lembra que o *goês* não era apenas charlatão, mas um especialista no trato com os mortos e *daimones*.⁴ Na literatura, a descida de Odisseu ao Hades⁵ já exemplifica a função do rito necromântico como acesso ao saber e ao poder. Essa estrutura ritual de catábase (descida) e anábase (retorno) encontra paralelos nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS (PGM IV. 1928–2005),⁶ onde Hécate e Hermes são invocados em encruzilhadas e cavernas para abrir portais entre mundos.

Nesse horizonte emerge a ideia do *Sol Negro (Sol Niger)*. Trata-se de um símbolo antigo, presente já na alquimia, mas com raízes mais remotas na noção de uma

¹ A Série *A Quimbanda & a Nova Síntese da Magia* são ensaios que orbitam o livro *DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA* (Clube de Autores, 2024), e tratam da *incursão diabólica* no Brasil, da qual deriva a *Quimbanda Goécia* em um processo de integração entre a demonologia europeia e a feitiçaria banto-ameríndia.

² Walter Burkert. *GREEK RELIGION*. Blackwell Publishing, 1985, pp. 194–196.

³ O termo *goêteia* (γοητεία), na Grécia Antiga, designava práticas de encantamento, lamento ritual (*goos*) e invocação necromântica, realizadas por especialistas chamados *goêtes* (γοητες). Esses rituais noturnos tinham como horizonte a comunicação com os mortos e com as potências ctônicas, em contraste com a *mageia* (μαγεία), que era associada a operações de caráter mais celestial ou sacerdotal. Platão menciona os *goêtes* na *REPÚBLICA* (364b), associando-os a práticas de evocação de espíritos e sacrifícios, enquanto Plutarco, em *DE DEFECTU ORACULORUM* (416e), os descreve como mediadores entre os vivos e as almas subterrâneas. Já no corpus dos *PAPIROS MÁGICOS GREGOS* (PGM, Sécs. III–V d.E.C.), a *goêteia* aparece estruturada em ritos de catábase, fórmulas necromânticas e conjurações de *daimones*, evidenciando que não se tratava de mera superstição popular, mas de uma arte com complexa teologia do Submundo. Pesquisas recentes (cf. Daniel Ogden. *GREEK AND ROMAN NECROMANCY*. Princeton University Press, 2004; Sarah Iles Johnston. *RESTLESS DEAD*. University of California Press, 1999; Jake Stratton-Kent. *GEOSOPHIA: THE ARGO OF MAGIC*. Scarlet Imprint, 2010) demonstram que a *goêteia* forneceu a base ctônica da magia ocidental, articulando elementos de necromancia, teurgia e astrologia. Esse substrato explica tanto sua recepção em tradições grimoriais medievais quanto sua ressonância em sistemas afro-diaspóricos como a Quimbanda, onde o trato com os mortos permanece como centro da prática mágica. Veja Seção 1 Abaixo.

⁴ Sarah Iles Johnston. *RESTLESS DEAD*. University of California Press, 1999, pp. 106–12.

⁵ Homero. *ODISSEIA*. Cp. XI. Companhia das Letras, 1996, pp. 281.

⁶ Hans Dieter Betz. *THE GREEK MAGICAL PYPYRI IN TRANSLATION*. The University of Chicago Press, 1986, pp. 88–91.

luz subterrânea, oposta ao brilho visível de Hélios. Karl Kerényi observa que, nos Mistérios, o ciclo de Perséfone implicava uma *luz nas trevas* — a promessa de vida no além.⁷ O Sol Negro não nega a luz solar, mas representa sua contraparte ctônica: o brilho invisível que ilumina na morte, no silêncio e no interior da terra.

Essa concepção não é alegórica, mas se enraíza no próprio imaginário ctônico da Grécia antiga. Hermes, em sua face de *Ctonius*, é o psicopompo que guia as almas no trânsito ao Hades, sendo também celebrado como senhor dos caminhos ocultos e das encruzilhadas subterrâneas. Nesse contexto, o chamado Sol Negro não é metáfora psicológica ou filosófica, mas símbolo do astro oculto do Submundo, luz invertida que ilumina não o céu, mas as profundezas da terra. Ele é o sol dos mortos, cuja claridade sombria orienta a descida, a iniciação e o retorno transformado do adepto.

Hécate, deusa das encruzilhadas noturnas e guardiã das portas do Hades, também se vincula a esse Sol oculto, pois sua luz é lunar e infernal, projetando clarões nas trevas para aqueles que ousam atravessar os portais subterrâneos. Perséfone, rainha do Submundo, é igualmente senhora desse mesmo Sol Negro, pois sua presença regula os ciclos de morte e renascimento: ao descer, ela é absorvida pela luz escura do mundo inferior; ao retornar, traz consigo a potência de germinar a vida na superfície. Assim, Hermes Ctonius, Hécate e Perséfone constituem tríade luminosa e sombria, revelando que o Sol Negro é, ao mesmo tempo, guia, guardião e matriz de renovação — uma luz subterrânea que alimenta a *goêteia* e fundamenta os mistérios noturnos.⁸

Hermes Ctonius é, nesse ponto, uma figura axial. Como mostra Fritz Graf,⁹ sua função nos rituais necromânticos era abrir passagens e garantir a comunicação com os mortos. É ele quem preside os cruzamentos (encruzilhadas), o mesmo espaço de Hécate. O paralelismo com os Exus da Quimbanda é imediato: ambos são espíritos guardiões de caminhos, mediadores entre mundos, guias que tanto protegem quanto testam o operador. Assim como Hermes portava o caduceu como chave simbólica, Exus da Quimbanda portam o tridente que é a chave das encruzilhadas.¹⁰

A ideia greco-egípcia do Sol Negro, nesse sentido, funciona como metáfora da própria Quimbanda moderna. Os Gangas — forças espirituais que regem *linhas de trabalho*, povos e reinos — podem ser compreendidos como divindades ctônicas, equivalentes funcionais aos deuses gregos do Submundo. Exu Rei das Sete Encruzilhadas recorda Hades como senhor do destino coletivo; Pombagira Rainha das Sete Encruzilhadas reflete Hécate como senhora dos portais noturnos; Exu Caveira ecoa

⁷ Karl Kerényi. *ELEUSIS: ARCHETYPAL IMAGE OF MOTHER AND DAUGHTER*. Princeton University Press, 1991, pp. 42–45.

⁸ A figura de Hermes Ctonius como psicopompo encontra respaldo nos HINOS ÓRFICOS (cf. Ordep Serra. *HINOS ÓRFICOS: PERFUMES*. Odyseus, 2015, Introdução), onde ele é invocado como guia das almas e condutor dos mortos ao Hades. Sobre sua função subterrânea (cf. Radcliffe Edmonds. *MYTHS OF THE UNDERWORLD JOURNEY: PLATO, ARISTOPHANES, AND THE «ORPHIC» GOLD TABLETS*. Cambridge University Press, 2012, pp. 35–38). Hécate, por sua vez, é descrita como deusa ctônica e guardiã das encruzilhadas, associada ao fogo subterrâneo e aos ritos noturnos, sua função como mediadora entre vivos e mortos (cf. Sarah Iles Johnston. *HEKATE SOTEIRA: A STUDY OF HEKATE'S ROLES IN THE CHALDEAN ORACLES AND RELATED LITERATURE*. Scholars Press, 1990, pp. 89–96). Já Perséfone é entendida como Rainha do Submundo e senhora dos ciclos de morte e retorno, regulando a alternância entre o mundo inferior e o das superfícies (cf. Helene P. Foley. *THE HOMERIC HYMN TO DEMETER: TRANSLATION, COMMENTARY, AND INTERPRETIVE ESSAYS*. Princeton University Press, 1994, pp. 72–79). A ideia de um Sol Negro como luminosidade subterrânea, vinculada a esses deuses ctônicos, aparece já em tradições místicas helênicas e foi reelaborada na literatura hermética e alquímica posterior (cf. Ioan P. Culianu. *OUT OF THIS WORLD: OTHERWORLDLY JOURNEYS FROM GILGAMESH TO ALBERT EINSTEIN*. Shambhala, 1991, pp. 118–121).

⁹ Fritz Graf. *MAGIC IN THE ANCIENT WORLD*. Harvard University Press, 2003, pp. 134–140.

¹⁰ A ideia de tridentes como chaves das encruzilhadas vem de estratos arcaicos da deusa Hécate pré-Hesíodo, onde ela carregava o tridente que representava seu poder e acesso aos três mundos: subterrâneo, terrestre e aéreo. Ver Sarah Iles Johnston. *HEKATE SOTEIRA: A STUDY OF HEKATE'S ROLES IN THE CHALDEAN ORACLES AND RELATED LITERATURE*. Scholars Press, 1990. Posteriormente esse mito de Hécate foi associado as três fases da Lua.

Thanatos como personificação da morte inevitável. Tal equivalência não implica identidade, mas revela uma lógica comum: a regência das forças subterrâneas e a mediação entre vivos e mortos.

Nos Mistérios de Elêusis, o neófito experimentava a descida às trevas e a visão de uma luz súbita, interpretada como epifania do além. Essa mesma estrutura está presente nas práticas da Quimbanda: a travessia pelo cemitério, o contato com os ossos, o diálogo com os mortos. Considera-se o Rito de Iniciação na Quimbanda a abertura dos Portões do Submundo ou Inferno. Ambos os sistemas compreendem que é na escuridão que a verdadeira luz se manifesta — e essa é a essência do Sol Negro. Como lembra Hans Jonas, a *gnōsis* é sempre *luz do outro mundo*.¹¹

A *goêteia* grega e a Quimbanda compartilham, portanto, uma mesma fórmula: operar com espíritos (ancestrais tutelares e servidores) como mediadores do poder invisível. Em O TESTAMENTO DE SALOMÃO, o demônio Ornias torna-se um *diabo* tutelar de Salomão pelo poder do anel mágico lhe conferido por potestades divinas, que o obriga a convocar outros espíritos. De forma análoga, o *diabo pessoal* do *kimbanda*, i.e. seu Exu tutelar, como demonstrei nas edições de DAEMONIUM, conecta o *kimbanda* a uma rede inteira de espíritos, outros Exus ou os diabos do GRIMORIUM VERUM. Em ambos os casos, a autoridade maior (Hécate na *goêteia* grega, o anel mágico na *goécia salomônica* ou os Maiorais na Quimbanda) garante a legitimidade do vínculo com o Submundo.

A presença do Sol Negro nos mistérios antigos, e sua reinterpretação na magia moderna, reforçam que o *eixo noturno* é indispensável para a compreensão do *esoterismo ocidental* e *Ocultismo afro-diaspórico*. Como aponta Jake Stratton-Kent, a verdadeira tradição da magia cerimonial não nasce na metafísica solar dos platonistas tardios, mas na prática ctônica dos *goetas*, sempre vinculada aos mortos e à terra.¹² É exatamente nesse ponto que a Quimbanda se apresenta como herdeira viva da *goêteia*: uma *teologia noturna* que, em lugar de negar o mundo da vescuridão, o assume como fonte de poder.

A articulação entre os deuses do Submundo, o Sol Negro e os Gangas da Quimbanda revela que não se trata de meros paralelos comparativos ou de pontes históricas ocasionais, mas de uma *convergência estrutural*. Assim como a religião ctônica grega se fundamentava em deidades subterrâneas, rituais de descida (*katábasis*) e epifanias de luz no interior da escuridão, também a Quimbanda se organiza a partir de Exus e Pombagiras enquanto senhores dos caminhos noturnos e guardiões do trânsito entre vivos e mortos. Tal convergência é precisamente o que define a *goêteia*: a arte de lidar com espíritos ctônicos, seja para a cura, para a revelação oracular ou para a transformação do destino. Nesse sentido, a Quimbanda não pode ser reduzida a folclore ou superstição popular, mas deve ser reconhecida como uma forma legítima de *Ocultismo* brasileiro, plenamente integrada na história mais ampla da cultura *goês*, desde o Mediterrâneo antigo até sua recriação no Atlântico.

¹¹ Hans Jonas. THE GNOSTIC RELIGION. Beacon Press, 1958, pp. 55.

¹² Jake Stratton-Kent. GEOSOPHIA: THE ARGO OF MAGIC. Vol. I. 2010, pp. 211-214.

SEÇÃO . I .

A GOËTEIA NA GRÉCIA ANTIGA: ENTRE NECROMANCIA, TEURGIA E A ARTE DOS DAIMONES

A palavra *goêteia* (γοητεία), derivada de *goos* (γῶος, *lamento fúnebre*), designava originalmente cânticos de lamentação entoados junto aos mortos. Contudo, desde o período clássico, o termo passou a indicar práticas mágicas noturnas associadas à convocação de espíritos e à manipulação de forças do Submundo. Os praticantes eram chamados *goêtes* (γοητες), personagens que se moviam na fronteira entre sacerdotes, adivinhos e feiticeiros. Diferente do *magos* (μάγος), cuja autoridade era vista como derivada de uma tradição sacerdotal estrangeira (persa ou zoroastriana), o *goês* era o operador doméstico da necromancia, da evocação e da magia ctônica.

Platão (427–347 a.E.C.)¹³ fornece um dos primeiros testemunhos literários sobre os *goêtes*. Na REPÚBLICA (364b–365a), ele descreve-os como especialistas que, por meio de ritos e sacrifícios, persuadem os deuses infernais e *convencem* as almas dos mortos a realizar determinados feitos. Embora o filósofo critique tais práticas como enganosas, seu testemunho é crucial, pois mostra que já no Séc. IV a.E.C. a *goêteia* era compreendida como uma tecnologia de mediação com as potências ctônicas. Aristófanes (446–386 a.E.C.) também emprega o termo em suas comédias (AS AVES, 1553), para zombar de encantadores que prometiam poderes extraordinários por meio da magia necromântica.¹⁴

No período helenístico e romano, a *goêteia* passa a ser documentada com maior riqueza nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS (PGM), manuscritos que preservam fórmulas rituais sincréticas¹⁵ entre os Séculos III–V d.C. Entre esses textos, encontramos instruções explícitas para descidas (*katabasis*) a grutas ou necrotérios, invocações de Hécate como rainha das encruzilhadas e do Submundo, e práticas de evocação de *daimones* identificados com estrelas, planetas e divindades lunares. Por exemplo, o PGM IV.2785–2890 descreve um rito em cavernas em que o operador se

¹³ Platão, discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles, fundou a Academia em Atenas e é considerado um dos pilares da filosofia ocidental. Sua teologia foi profundamente revolucionária no contexto da religião grega tradicional, pois rompeu com a visão mítica e antropomórfica dos deuses, propondo uma metafísica do Uno-Bem e a hierarquia das Formas como fundamento do divino (cf. REPÚBLICA VI:509b–511e; TIMEU 28a–29b). Ao afirmar que o verdadeiro deus é incorpóreo, eterno e inteligível, Platão contradisse a teologia popular dos cultos cívicos, introduzindo uma elitização do pensamento religioso que transformou a teologia em disciplina filosófica reservada a iniciados no saber dialético. Essa transposição do mito para a filosofia intelectualiza radicalmente o divino. Ver W. Jaeger. PAIDEIA. Martins Fontes, 1995, pp. 41–44. Ver também G. Reale. PLATÃO E ARISTÓTELES. Loyola, 2002, pp. 79–87.

¹⁴ O termo *goêteia* aparece também em contextos literários de caráter satírico. Aristófanes utiliza-o para ridicularizar charlatães e encantadores que afirmavam deter poderes extraordinários através da necromancia. A crítica cômica, no entanto, não invalida o reconhecimento de que tais práticas estavam amplamente difundidas no imaginário religioso grego. Como observa Sarah Iles Johnston, a presença da *goêteia* na comédia demonstra que a prática era suficientemente conhecida e significativa para ser alvo de sátira, reforçando o estatuto cultural da necromancia e dos contatos rituais com os mortos na Grécia clássica. Ver Sarah Iles Johnston. ANCIENT GREEK DIVINATION. Wiley-Blackwell, 2008, pp. 142–144.

¹⁵ O sincretismo presente nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, compilados entre os Sécs. III–V d.E.C., manifesta-se na justaposição de nomes divinos egípcios, helênicos, judaicos e mesopotâmicos dentro de um mesmo corpo ritual, revelando a fusão de correntes religiosas em práticas pragmáticas de feitiçaria. Fenômeno análogo se observa na Macumba carioca do Séc. XIX, descrita por Raimundo Nina Rodrigues (1862–1906) em O ANIMISMO FETICISTA DOS NEGROS BAIANOS (Edições P55, 2021) e, sobretudo, por João do Rio (Paulo Barreto, 1881–1921) em AS RELIGIÕES NO RIO, pesquisa etnográfica de 1904, onde se nota a articulação entre práticas banto-ameríndias, devoções católicas e elementos do *Ocultismo* europeu então em circulação. Tanto nos PGM quanto na Macumba da diáspora afro-brasileira, a multiplicidade de nomes e fórmulas não é mero sincretismo superficial, mas expressão de uma lógica de eficácia mágica, que legitima a prática viva da *goêteia* em contextos de contato cultural. Ver Fernando Liguori. DAEMONIUM: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA. Clube de Autores, 2022.

identifica com Hécate e os Dáctilos Idaicos, associando o corpo humano às 28 fases lunares, uma clara sobreposição entre necromancia, astrologia e teurgia ctônica.¹⁶

Plutarco (46-120 d.E.C.),¹⁷ em DE DEFECTU ORACULORUM (416e-417b), reforça esse caráter intermediário da *goêteia*, afirmando que os *goêtes* lidavam com *espíritos inquietos (daimones alastores)*,¹⁸ cuja natureza não era plenamente divina nem humana. Essa posição liminar dos *goêtes* revela um aspecto essencial: eles não eram meros charlatões, mas mediadores entre planos, com conhecimento de ritos capazes de acalmar ou despertar as forças dos mortos. Da mesma forma, Pausânias (110-180 d.E.C.)¹⁹ em PERIEGESIS HELLADOS, IX.39, registra oráculos necromânticos nos quais evocadores desciam a grutas para chamar as almas dos falecidos, o que comprova o aspecto institucional de tais práticas.

Do ponto de vista filosófico, a *goêteia* também aparece no pensamento do platonismo médio. Jámblico (245-325 d.E.C.), em DE MYSTERIIS, distingue a *theourgia* (θεουργία), voltada à união com os deuses superiores, da *goêteia*, que ele associa a *daimones* inferiores e à magia manipuladora. Contudo, como nota Ioan Couliano, essa distinção foi menos uma descrição histórica e mais uma tentativa de hierarquizar as práticas, reforçando a legitimidade teúrgica frente à suspeita cristã sobre a necromancia.²⁰

Estudos modernos aprofundaram esse quadro. Sarah Iles Johnston demonstrou como a *goêteia* constituía um corpo ritual coerente voltado ao trato com mortos não pacificados (*atafoi e biaiothanatoi*).²¹ Daniel Ogden analisou os espaços sagrados associados a tais práticas, como necrópoles e cavernas, destacando seu papel como portais para o Submundo.²² Estes trabalhos convergem para mostrar que a *goêteia* não era um resíduo marginal da religião grega, mas um componente central da experiência religiosa, articulando culto, magia e cosmologia.

Importante notar que a *goêteia* possuía também um caráter astrológico. O vínculo entre estrelas, planetas e *daimones* é recorrente nos PGM (cf. PGM VII.505-528), em que constelações e mansões lunares são ativadas como *portais* para a convocação dos mortos. Essa integração entre necromancia e astrologia explica a sobrevivência da *goêteia* no esoterismo renascentista e posterior, especialmente em grimórios noturnos da tradição da magia cerimonial ocidental, como o GRIMORIUM VERUM.

¹⁶ Hans Dieter Betz. THE GREEK MAGICAL PAPYRI IN TRANSLATION. University of Chicago Press, 1986, pp. 106-107.

¹⁷ Plutarco nasceu em Queroneia (Beócia) e morreu em Delfos, onde exerceu o sacerdócio no santuário de Apolo. Educado em Atenas e viajante frequente por Roma e pelo Império, destacou-se como filósofo platônico médio, biógrafo e moralista. Sua obra mais célebre, as VIDAS PARALELAS, compara figuras da Grécia e de Roma a partir de critérios ético-políticos, enquanto os MORALIA reúnem tratados sobre religião, filosofia e costumes, sendo fundamentais para o estudo do pensamento helênico no contexto romano. A importância de Plutarco foi redescoberta no Renascimento, influenciando tanto humanistas como Montaigne quanto filósofos modernos.

¹⁸ Os *daimones alastores* (espíritos errantes ou inquietos) são intermediários entre deuses e homens, vinculados a almas que morreram de forma violenta ou injusta. Plutarco distingue claramente sua natureza liminar: não são plenamente divinos, tampouco humanos, mas forças intermediárias que necessitam de ritos e oferendas para serem apaziguadas, algo muito similar aos Exus irados da Quimbanda, mas também aos *égún* (mortos de todo tipo) sem descanso, ou *kiumbas*, ancestrais feiticeiros, mas não deificados.

¹⁹ Pausânias, viajante e geógrafo grego da Lídia, é o autor da PERIEGESIS HELLADOS (*Descrição da Grécia*), em dez volumes, fonte capital para a compreensão da religião e da topografia sagrada da Grécia antiga. Sua obra registra com minúcia templos, rituais, estátuas, tradições locais e mitos, funcionando como uma verdadeira cartografia da memória religiosa helênica sob o Império Romano. A PERIEGESIS mostra como os santuários, os cultos e os mitos eram vividos no cotidiano das *pólis*, preservando aspectos da prática ritual que a filosofia clássica, como em Platão ou Aristóteles, muitas vezes relegava a segundo plano. Ver Pausânias. DESCRIPTION OF GREECE. 4 Vols. Harvard University Press, 1918-1935).

²⁰ Ioan Couliano. EROS AND MAGIC IN THE RENAISSANCE. The University of Chicago Press, 1987, pp. 20-23.

²¹ Sarah Iles Johnston. RESTLESS DEAD. University of California Press, 1999, pp. 89-118.

²² Daniel Ogden. GREEK AND ROMAN NECROMANCY. Princeton University Press, 2004, pp. 42-75.

Assim, a *goēteia* pode ser entendida como a matriz ctônica da magia ocidental: uma prática voltada à mediação com os mortos, com *daimones* intermediários e com deuses infernais, estruturada em ritos de descida, evocação e retorno. Se na Antiguidade ela foi acusada de superstição e engano, estudos contemporâneos a reposicionam como um sistema técnico-religioso de complexidade notável.

Essa matriz encontra ressonância em tradições afro-diaspóricas como a Quimbanda, onde o trato com os mortos, a convocação de Exus e Pombagiras e o uso de cemitérios, encruzilhadas e cavernas repetem, em *chave crioula*, as mesmas lógicas da magia ctônica helenística. Os Gangas da Quimbanda podem, assim, ser compreendidos como herdeiros funcionais dos *daimones* gregos: potências intermediárias que conectam vivos, mortos e deuses subterrâneos, permitindo a continuidade de uma tradição de *goēteia* trans-histórica.

SEÇÃO . I I .

O SOL NEGRO E OS ARQUÉTIPOS CTÔNICOS DOS PLANETAS E SIGNOS NA TEOLOGIA NOTURNA DA QUIMBANDA

Na *teologia noturna* da *Quimbanda Goécia*, a noite não representa ausência de luz, mas a manifestação plena do *Mistério*. O Sol visível, regente da vida, da consciência e da história, encontra sua contraparte oculta em um outro Sol — devorador, sombrio e invisível — que governa a morte, o inconsciente e o destino. Trata-se do Sol Negro, o ponto situado a 180° do Sol comum na Carta Natal (designado em algumas tradições helenísticas como *Antíquia* ou mesmo *Terra*), e que abre as portas da astrologia ctônica.

Neste horizonte, cada planeta deixa de ser apenas um arquétipo diurno ou uma força psicológica, para se revelar como espírito da Noite, guardião da travessia e senhor dos abismos internos. Através do Sol Negro, os astros são transmutados em *daimones* ctônicos, cuja função não é iluminar, mas devorar e transformar.

A revelação do Sol Negro não se limita, porém, às esferas planetárias. Ao atravessar signos e constelações, ele ancora sua energia nos Reinos da Quimbanda — Terra, Águas, Matas, Africano, Almas, Encruzilhadas, Oriente, Trevas e Lira. Cada astro, em sua face ctônica, se converte em espelho de um Reino: Saturno devolve a ossatura das pedras e dos túmulos; a Lua mergulha nas marés profundas; Júpiter expande-se como floresta viva; o Sol ressurgue como dignidade ancestral africana; Mercúrio abre estradas e jogos; Vênus encanta e desnuda nos palcos da Lira e do Oriente; Marte incendeia as Trevas com sua guerra noturna.

Assim, o zodíaco deixa de ser mera descrição celeste e passa a constituir um *mapa iniciático*: caminho de provações e pactos. O Sol Negro é o soberano invisível que articula Cosmos e a Quimbanda, transformando a astrologia em teologia prática, onde cada signo e planeta é um portal, e cada Reino, uma travessia. O Sol Negro não brilha: devora. É o soberano oculto que reina no Submundo, o trono da iniciação, onde cada signo e planeta se curva à experiência inevitável da perda e da transmutação.

Se o Sol visível indica identidade e presença, o Sol Negro expressa destino oculto — aquilo que só se revela no limiar, quando não resta mais nada senão atravessar a Noite. Quando toca os planetas, ele rasga-lhes as máscaras e revela suas faces ctônicas. Cada astro, outrora arquétipo celeste, se converte em espelho da Noite nos Reinos da Quimbanda, onde Exu governa provas, pactos e travessias.

PLANETAS E ZODÍACO NA FACE CTÔNICA DO SOL NEGRO

♄ Saturno — O Sol Negro das Pedras e das Almas

Reinos: Terra (construtivo) / Almas (ctônico).

Saturno, ao ser devorado pelo Sol Negro, se divide em duas faces complementares: No Reino da Terra, solidifica, ancora e edifica. A pedreira se torna altar, a rocha se faz testemunha do tempo. A disciplina e a paciência tornam-se armas da Noite. No Reino das Almas, sela e encerra, conduzindo à passagem inevitável. Aqui, o Sol Negro é silêncio tumular e memória ancestral, ligando vivos e mortos.

☾ Lua — O Sol Negro das Correntes Profundas

Reino: Águas.

Na face ctônica, a Lua deixa de ser mãe nutridora e se torna ventre que rejeita. O Sol Negro nas Águas é maré que arranca raízes, corrente que afoga e depura. Ensina que toda emoção é também exílio: perder o lar para descobrir-se oceano.

♃ Júpiter — O Sol Negro da Floresta Oculta

Reino: Matas.

O Sol Negro em Júpiter ergue-se como trono verde e pútrido: abundância que se converte em excesso, sabedoria que nasce da ruína. A floresta abriga tanto a pantera protetora quanto a serpente devoradora. A expansão revela-se risco: a exuberância esconde veneno.

☉ Sol — O Sol Negro da Ancestralidade

Reino: Africano.

O Sol ctônico apaga a coroa solar para iluminar desde o subterrâneo. É memória de cativo, quilombo noturno, dignidade ancestral que resiste no escuro. Virtude solar se transmuta em chama invisível: tradição preservada mesmo após a perda de toda glória exterior.

☿ Mercúrio — O Sol Negro das Estradas e dos Jogos

Reinos: Encruzilhadas/Lira.

Na Encruzilhada, Mercúrio é psicopompo sombrio, tradutor do silêncio, diplomata dos mortos. Na Lira, converte-se em boêmio noturno, cantor maldito, mestre de palavras enfeitiçadas. Aqui, o riso se mistura à queda, e a fala se torna feitiço.

♀ Vênus — O Sol Negro do Fascínio Noturno

Reinos: Oriente/Lira.

No Oriente, Vênus ctônica é feiticeira estrangeira: cigana, sacerdotisa, curandeira que seduz e desestabiliza. Na Lira, é cortesã e musa maldita, transformando prazer em pacto e luxúria em altar. O Sol Negro revela o preço do fascínio: toda beleza noturna cobra seu tributo.

♂ Marte — O Sol Negro da Guerra Oculta

Reino: Trevas

Em Marte, o Sol Negro acende a lâmina ensanguentada e o fogo devorador. É a alquimia bélica da Quimbanda: veneno, sombra, imposição. Ensina que a violência é rito iniciático: morrer e renascer pelo ferro.

O Sol Negro não apenas obscurece, mas revela. Ao atravessar os signos do zodíaco, ele arranca-lhes as máscaras diurnas e expõe a face ctônica — aquela que ensina pela perda, pela prova e pelo abismo. Cada signo se torna, então, uma lição iniciática, um espelho quebrado onde o discípulo da Noite aprende a reconhecer o Mistério.

Áries — A Chama Contra Si: A coragem diurna de Áries se transforma, sob o Sol Negro, em compulsão autodestrutiva. O fogo que antes abria caminhos agora queima o guerreiro por dentro. Essa inversão ensina disciplina: a espada que fere a própria mão se torna também lâmina de poder ritual.

Touro — O Desapego Forçado: O prazer e a estabilidade de Touro são dissolvidos quando o Sol Negro arranca o conforto e corrompe a carne. O iniciado aprende que nada é realmente seu — nem mesmo o corpo. A lição é transformar a perda em fascínio e a ruína em reconstrução.

Gêmeos — O Silêncio das Palavras: A versatilidade geminiana se fragmenta em vozes contraditórias, até que o mensageiro perde a palavra. Nesse silêncio forçado, o iniciado descobre o paradoxo: que a ausência de fala pode ser a forma mais profunda de comunicação com os deuses noturnos.

Câncer — O Exílio da Alma: O lar canceriano se desfaz, as raízes são arrancadas, o ventre rejeita. O iniciado se vê órfão do mundo. Mas nesse desabrigo aprende a tornar-se abrigo: aquele que perdeu a casa se torna casa para os exilados da vida.

Leão — A Coroa Despida: A glória leonina é apagada. O trono cai, e o rei se descobre nu, invisível, humilhado. A lição é sustentar dignidade sem reconhecimento externo: descobrir a verdadeira realeza no silêncio da Noite.

Virgem — A Desordem Sagrada: A ordem e pureza virginianas se corrompem: o templo se quebra, a rotina se desfaz, o detalhe se dissolve. Mas nas rachaduras da ordem o iniciado encontra janelas para o sagrado, descobrindo a pureza escondida na imperfeição.

Libra — O Espelho Partido: A balança se quebra, o amor trai, a justiça se mostra máscara. O espelho devolve um rosto estranho. A lição é autonomia radical: aprender a caminhar só, antes de ousar reencontrar o Outro em verdade.

Escorpião — A Morte como Espelho: A intensidade escorpiana se torna prova de morte. O iniciado é arrancado de si mesmo a cada ciclo. Mas quem aprende a morrer, já sabe viver: a coragem de atravessar rupturas sem medo é a iniciação de Escorpião ctônico.

Sagitário — A Queda da Fé: O templo queima, os deuses se calam, as estradas não levam a lugar algum. A lição sagitariana no Sol Negro é caminhar sem promessa, acreditar no nada e, ainda assim, avançar. A fé ctônica não se sustenta em dogmas, mas na própria queda.

Capricórnio — O Reino em Ruínas: As montanhas desabam, os impérios se corromem, o trono rui. Mas sobre as pedras quebradas, o iniciado aprende a construir templos noturnos. A disciplina de Capricórnio ctônico é erguer impérios no abismo.

Aquário — O Exílio das Fraternidades: O futuro aquariano se torna traição. O iniciado é expulso da assembleia, tornado estrangeiro entre irmãos. A lição é sustentar solitariamente a revelação, guardando no túmulo e na pedra a tradição que sobrevive à queda das utopias.

Peixes — O Oceano que Devora: O mar pisciano se torna abismo sem fundo: engole sonhos, identidades, esperanças. Mas ao morrer no Todo, o iniciado renasce como rio, raiz e floresta. A compaixão ctônica é saber dissolver-se para ressurgir como sabedoria xamânica.

O Sol Negro não é mero ponto oculto do mapa: é soberano da Noite. Ao atravessar astros e signos, devora-lhes as máscaras e revela suas verdades ctônicas. Ele mostra que a astrologia, na *teologia noturna* da Quimbanda, não se reduz à previsão, mas se torna *mapa iniciático*: espelho da alma diante de suas provas inevitáveis.

Cada planeta, em sua face devorada, torna-se mestre oculto, guardião de um Reino que ensina pela dor, pela perda e pela transmutação. Já os signos se convertem em travessias, portais onde a alma precisa morrer para renascer.

Assim, a *cartografia celeste* da Quimbanda Goécia se apresenta como teologia prática: não um sistema abstrato, mas uma via ritual de travessia. O iniciado aprende que a escuridão não é ausência de luz, mas presença do Mistério. O Sol Negro é o astro invisível que guia a Quimbanda através do firmamento, lembrando que morrer, na linguagem da Noite, é sempre condição para renascer.

CONCLUSÃO

ideia do Sol Noturno ou Sol no Submundo encontra paralelos tanto nos Mistérios órficos quanto nos ritos de Elêusis. Nesses contextos, falava-se de um Sol subterrâneo (*hēlios hypochthónios*), cuja luz guiava a alma no Hades.²³ Plutarco em DE ÍSIS E OSÍRIS (351c–d),²⁴ associa esse Sol oculto às iniciações que conduziam pela morte simbólica e renascimento espiritual. A Lua, por sua vez, era vista como mediadora desse processo, governando os ciclos de encarnação e retorno da alma. No sincretismo afro-brasileiro, sobretudo na Quimbanda, reconhecemos função análoga: os ritos lunares e necromânticos, regidos pelos Exus e Pombagiras, manifestam o mistério de um fogo invisível que atravessa o Submundo. A centralidade lunar na Quimbanda evidencia uma lógica teológica — a de que a luz verdadeira não se encontra apenas no céu, mas também nas sombras, refletida na noite e nos mortos.

O percurso dos signos ctônicos sob o Sol Negro revela um paradoxo essencial: o astro solar, tradicionalmente identificado com a claridade, é aqui absorvido pela Noite e reconfigurado em sua potência oculta. No Submundo, o Sol não desaparece, mas se torna invisível — um fogo secreto que queima sem luz, a Chama Negra, iluminando apenas para os que ousam descer. Esse Sol subterrâneo é o núcleo do processo iniciático: não o astro que brilha no firmamento, mas a centelha que conduz no interior da escuridão.

Nessa perspectiva, a Lua torna-se a verdadeira mestra da iniciação ctônica. Pois é a Lua que regula as marés, governa os mortos e guia o viajante noturno através de suas fases mutáveis. Se o Sol Negro representa o poder oculto do fogo interior, a Lua é a sacerdotisa que o reflete e distribui em porções simbólicas, conduzindo o iniciado em seu trânsito entre vida e morte, presença e ausência, luz e sombra. Assim, a teologia lunar ensina que o Sol não morre ao cair no Ocidente: ele continua seu caminho secreto sob a Terra, iluminando invisivelmente o Reino dos Mortos.

Na Quimbanda, como na antiga religião ctônica do Mediterrâneo, essa estrutura permanece viva: os Gangas são deuses do Submundo que regem os ciclos da noite e da Lua, mas que também guardam, em sua escuridão, o mistério do fogo solar oculto. O Sol Negro e a Lua inseparável formam juntos o eixo da iniciação noturna — mostrando que a luz mais profunda não é a que cega, mas a que brilha em segredo, no coração da escuridão.

Todo esse mistério se encontra no Brasão Imperial do Chefe Império Maioral.

Táta Nganga Kamuxinzela
Cova de Cipriano Feiticeiro

²³ Walter Burkert. *ANCIENT MYSTERY CULTS*. Harvard University Press, 1987, pp. 71–74.

²⁴ Madamu, 2024, pp. 55.

